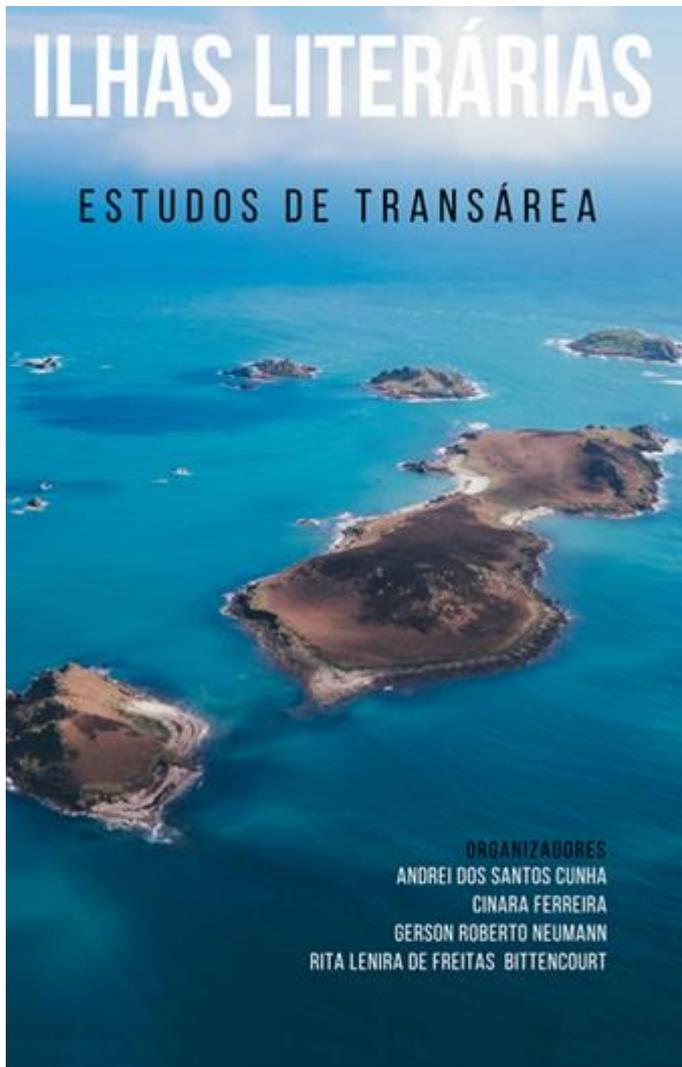


ILHAS LITERÁRIAS

ESTUDOS DE TRANSÁREA



ORGANIZADORES
ANDREI DOS SANTOS CUNHA
CINARA FERREIRA
GERSON ROBERTO NEUMANN
RITA LENIRA DE FREITAS BITTENCOURT



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras

Sérgio de Moura Menuzzi
Diretor

Beatriz Cerisara Gil
Vice-diretora

Conselho da Editora do Instituto de Letras

Lucia Rebello | Antonio Marcos Sanseverino | Regina Zilberman
Rita Terezinha Schmidt | Ana Zandwais | Pedro de Moraes Garcez
Sérgio de Moura Menuzzi | Rosalia Angelita Neumann Garcia
José Carlos Baracat Júnior | Luiz Carlos da Silva Schwindt | Félix Bugueño Miranda

ILHAS LITERÁRIAS: ESTUDOS DE TRANSÁREA

ISBN

Organizadores

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Ferreira
Gerson Roberto Neumann
Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Revisão

Cláudia Fernanda Pavan
Gabriel Felipe Pautz Munsberg

Diagramação e editoração eletrônica

Fernanda Bernardes

Comissão Editorial

Luciana Wrege Rassler | Filipe Róger Vuaden | Ian Alexander | Monica Stefani | Luciane da Silva Alves | Carla
Luciane Klôs Schöninger | Monique Cunha de Araújo | Fidelainy Sousa Silva | Cinara Ferreira | Gerson
Roberto Neumann | Antônio Barros de Brito Jr. | Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch |
Rita Lenira de Freitas Bittencourt | Lucia Sá Rebello | Douglas Rosa da Silva | Fernanda Bernardes | Elizamari
Rodrigues Becker | André Winter Noble | Melissa Rubio dos Santos | Ana Luiza Nunes Almeida |
Rafael Eisinger Guimarães | Elaine Indrusiak

Instituto de Letras - UFRGS
Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221
Porto Alegre, RS - 91540-000
Fone (51) 3308-6711, Fax (51) 3308-7303
iletras@ufrgs.br - www.ufrgs.br/iletras

O farol de Kipling: Analogia de um ato de recepção

Kipling's lighthouse: An analogy of a reception case

Elizamari Rodrigues Becker¹

Abstract: *This study aims at analyzing how deeply a short-story written by Rudyard Kipling, “The Disturber of Traffic”, inspired Monteiro Lobato, not only becoming a recurrent theme for some of his earlier short-stories but also serving as a creative guiding framework for his autocritical impulse, as we can observe in “Os faroleiros”, a short narrative piece which opens his first and most celebrated short-story book *Urupês*, along with various other texts, including crônicas, reviews, and a set of letters, these later published in *A Barca de Gleyre*. In the approximation of these two literary oeuvres, Kipling's and Lobato's, we frequently find the lighthouse as a representative icon for isolation and for the specific tensions and misfortunes of its residents; perceived in a broader metaphorical sense, the lighthouse seems to be emblematic of a literary reception by a novice writer who belongs to an emerging literary tradition in search for further consolidation. Our novice writer – Lobato – apparently feels attracted, as if captured by the shiny dancing refractions of Kipling's lighthouse, to the English writer's narrative skills, so engendering with him a productive, revisionistic, metaliterary, and one-sided interlocutory relationship. The austere grandeur of the lighthouse architecture, its unequivocal utilitarian condition, its authority in the demarcation of coastal territories, its recognition as a prime navigation technology, and its symbolic reputation as a safepass obelisk – these are the possible reasons why the lighthouse has long become a widespread theme in world literature, countlessly representative of guidance and inspiration, but also conveying gloomy ideas of imprisonment and degenerative, sickening insulation for those to whom the post of lighthouse keeper is assigned. This study aims to broaden the understanding towards this common theme to the literature of these two reputed writers, Kipling and Lobato, and to seek for a deeper understanding towards the aesthetics of the lighthouse while an icon for intertextual transit.*

Keywords: *reception theory; Kipling; Lobato; Translation Studies; creative writing.*

Resumo: Este trabalho pretende mostrar como um conto de Rudyard Kipling sobre farol, “The Disturber of Traffic”, inspirou Monteiro Lobato e lhe rendeu não só como tema de alguns de seus primeiros contos publicados, mas também como baliza autocrítica para seu impulso criativo, em releituras bem documentadas, como é o caso do conto que abre *Urupês*, “Os faroleiros”, e de diversos outros textos e referências críticas contidos na rica literatura epistolar reunida em *A Barca de Gleyre*. No contraste do escopo de duas obras literárias, a de Kipling e a de Monteiro Lobato, vê-se o farol representando um ambiente de isolamento e de tensões muito peculiares, como resultado da rotina de seus ocupantes faroleiros, e vê-se o farol figurando como emblema da recepção literária de um escritor forte por um escritor de uma literatura emergente e em processo de confessa consolidação, que busca naquele primeiro orientação, rumo e luz para travessias de amadurecimento de uma escritura expressivamente revisionista, devolutiva e metaliterária. A imponência de sua arquitetura resiliente, sua elevada condição utilitária, sua monumental autoridade na demarcação territorial das costas, sua elevação como portento da tecnologia de navegação e como obelisco simbólico do salvo conduto – todos esses são fatores que possivelmente podem explicar porque o farol tornou-se um tema de relativa recorrência na literatura mundial e inúmeras vezes representado metaforicamente como instrumento norteador e inspirador para aqueles que o avistam, mas também algumas vezes representativo de encarceramento, de isolamento debilitante e degenerativo para aqueles que o manejam ou habitam. Cumpre verificar neste estudo como uma temática comum aos dois escritores em pauta é percebida e esteticamente representada e como se torna ícone de travessias intertextuais.

Palavras-chave: teoria da recepção; Kipling; Lobato; tradução; escrita criativa.

¹ PPG-LET/UFRGS.

Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo. E traduzir Kipling, então? Que esporte! Que alpinismo! Que delícia remodelar uma obra d'arte em outra língua! (LOBATO, 1951, v. 12, p. 327)

No arquipélago das literaturas nacionais, muitas navegações são iniciadas em águas internacionais, com travessias que duram anos e cujas rotas não estão inicialmente traçadas. A maturação criativa da lobatiana experimentou um intenso e produtivo dialogismo com textos lidos e posteriormente traduzidos ou adaptados ou mesmo assimilados como temática para escritos ficcionais de autoria do próprio escritor. Alguns escritores, como Rudyard Kipling (1865-1936), parecem ter sido verdadeiros faroleiros na constituição do caráter literário do Monteiro Lobato (1882-1948) escritor, em percursos tão amplos como os de leitura, tradução e escrita criativa. No epistolário mais conhecido de Lobato, reunido nos dois tomos de *A Barca de Gleyre*, inúmeros são os registros dessas trocas entre os dois escritores que, apesar de contemporâneos, nunca chegaram a se encontrar pessoalmente. A Kipling, Lobato proporcionou importantes traduções para a língua portuguesa de contos reunidos em dois de seus livros mais conhecidos, *The Jungle Book* e *The Second Jungle Book*, traduções essas reeditadas por décadas e ainda em circulação no mercado editorial brasileiro, apesar da existência de pelo menos meia dúzia de outras traduções de igual ou superior qualidade e mérito. Este estudo pressupõe que Lobato parece ter tomado de Kipling um razoável sopro de vento para o impulso de suas velas narrativas na longa travessia de formação do literato reconhecido e empreendedor que se tornou.

Consideramos oportuno o entendimento de Haroldo de Campos, que percebe a *literatura como uma operação tradutora permanente – escrever é traduzir –, logo a relativização da categoria da originalidade em favor de uma intertextualidade generalizada*. (CAMPOS, 1996, p. 202). A aproximação entre Lobato e Kipling aqui apresentada ocorre à luz desse prisma de intertextualidade generalizada, de um lado escrutinizando o vasto trabalho de tradução de Lobato como um longo processo crítico de leitura que se construiu durante décadas, e de outro confirmando que a obra literária é sempre inacabada, o que se prova nas incontáveis leituras que suscita, dentre elas a tradução, a adaptação e a própria crítica, que acreditamos ser atos de leitura de grande aprofundamento e de inevitável apropriação.

Monteiro Lobato inaugura, por ação sua e de outros poucos editores da primeira metade do séc. XX, a era em que os tradutores começam a ver com mais frequência seus nomes estampados nas capas dos livros que traduziram. Como tradutor, deu ao leitor brasileiro Ana Sewell, Carlo Collodi, Daniel DeFoe, Eleanor Porter, Herman Melville, Jack London, Lewis Carroll, Mark Twain e Rudyard Kipling, entre outros. Notabilizado por seu *Urupês* e pelas histórias infanto-juvenis de seu Sítio do Pica-Pau Amarelo, a identificação do leitor com seu texto traduzido passa primeiramente pela sua figura, para, somente mais tarde, chegar à figura do autor do original. No caso específico da seleção de leituras de Lobato, tudo parecia fazer parte, como o próprio escritor antecipa em suas cartas, de um vasto projeto literário e editorial via tradução, projeto esse que hoje reconhecemos haver fertilizado (e até reconfigurado) nosso polissistema literário nacional.

Eliane Debus, em sua obra *Monteiro Lobato e o leitor*, percorre o extenso itinerário do leitor Lobato em áreas tão diversas como a literária, a sociológica e a filosófica e apresenta-o como um ficcionista cuja apropriação do material lido é, inegavelmente, formadora de seu projeto literário como escritor e editor:

Acreditamos que a relação de Lobato com o livro deve ser pensada como algo anterior ao seu ofício de escritor e editor, pois antes de tudo ele foi leitor, e ao exercer esse papel, refletiu sobre a partilha e a comunhão entre quem lê e o objeto lido. Pressente-se, assim, do seu testemunho sobre o ato da leitura, muito do que ele realizou como homem de letras e empresário do livro. (DEBUS, 2004, p. 27)

Parte considerável da pesquisa de Debus está amparada no escrutínio das cartas escritas por Lobato a Godofredo Rangel, mais tarde reunidas em *A barca de Gleyre*. Nessas cartas, um amplo panorama de leituras realizadas por Lobato durante o curso de sua vida é-nos revelado, evidenciando que, no início, ele consome tudo o que aparece: livros, jornais, revistas e periódicos. Lê em português, francês e inglês, e muito da literatura russa conhece através de traduções para a língua francesa. E Rudyard Kipling inúmeras vezes encontra-se arrolado entre os autores lidos por Monteiro Lobato. Mas que tipo de precursor é esse que viveu 54 anos na presença de seu sucessor? Lobato o responde:

Kipling tem algumas coisas groenlandesas ótimas, onde tudo, a partir do cenário, é dum ineditismo único. [...] Que felizes os homens que podem escrever uma novela européia, outra americana, outra indiana, outra esquimó – haurindo as tintas em observações de primeira mão, feitas nesses meios tão variados! Tenho para mim que Kipling inda não achou tempo de ler a literatura dos outros; os anos de sua vida devem ter sido poucos para ver e sentir do natural. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 175)

Lobato conclui que a genialidade de Kipling parece estar ligada a suas muitas experiências de viagens, permitindo que aquele que viaja veja mais lugares e tipos, ouça mais relatos, trave contatos mais diretos com a realidade de modo a recriar ficcionalmente com maior verossimilhança. Na percepção de Lobato, Kipling representa uma literatura já firmada identitariamente, fruto de experiências de primeira mão, advinda de um autor/narrador testemunha. Apesar de terem sido contemporâneos, não se tem notícia de que se tenham algum dia encontrado ou sequer trocado cartas, mesmo quando estiveram tangencialmente tão próximos, como por ocasião da visita de Kipling ao Brasil, em 1927², sem que haja qualquer menção a isso nas crônicas, críticas ou cartas de Lobato, que desde maio daquele mesmo ano transfere-se para Nova Iorque, onde iria ocupar o cargo de adido comercial junto ao consulado brasileiro, de onde só retornaria em 1931. Sua relação precursor/sucessor está estabelecida, portanto, na condição de Lobato enquanto seu leitor-receptor, e que, a seu tempo, será também profusor:

E assim o que sai do meu laboratório varia muito; ora entremostra fibras de empréstimo, porque o mingau intercalar escorreu (não era um bom “*binding*”, diria um inglês), ora é só mingau, porque as fibras alheias nele se dissolveram. (LOBATO, 1951, v. 12, p. 163)

Suas vidas e projetos literários são também muito parecidos. Ambos foram duramente golpeados pela irreparável perda de filhos em tenra idade, sofreram com a mediocridade de seus resultados escolares, apresentaram suas obras ao público leitor em periódicos bem antes de as reunirem para publicação, foram considerados conservadores e racistas em sua época, só receberam o devido reconhecimento na idade madura e demonstraram imensa simpatia pelo universo infantil. Suas trajetórias comungam, portanto, de muitos pontos de aproximação. Entretanto, nenhum desses pontos de contato tem a força da literatura, arte a que ambos

² Rudyard Kipling mostrou-se bastante impressionado pelas belezas do Rio e de outras cidades por onde passou. Geraldo Galvão Ferraz, em seu prefácio à tradução de Duda Machado para *O livro da selva*, nos diz que Kipling foi um viajante bastante entusiasmado, que previu um futuro grandioso para o Brasil, foi aqui recebido com pompa e circunstância. Como um dos monstros sagrados da literatura da época, teve direito até a recepção na Academia Brasileira de Letras. Entretanto, era esnobado pelos intelectuais de vanguarda, que não lhe perdoavam nem a defesa de posições políticas conservadoras nem o sentimentalismo de algumas de suas obras mais famosas; foi preciso muito tempo para que a crítica mais exigente o reconhecesse como um dos maiores contadores de histórias de todos os tempos. Todas as suas impressões da viagem ao Brasil estão registradas nos artigos publicados em *Brazilian sketches*, cujo título em português é *Cenas brasileiras*.

dedicaram suas vidas.

Vê-se, desse ato de recepção de Kipling, construir-se em Lobato aquela capacidade admirável referida por T. S. Eliot – seu “talento individual”. Esse talento individual, que emerge a partir da reconstrução da tradição, sempre pontuado pelos reajustes e re-arranjos que o tempo de Lobato impõe, parece estar a serviço de impulsos não menos modernos: da velocidade dos periódicos; do consumo de massa para o texto escrito; da experimentação, expressa na linguagem, do cientificismo e do humanismo; da elevação de gêneros até então marginais, como o conto e a crônica, a uma posição de melhor prestígio. Assim, o latente espírito do colonialismo, das expansões marítimas, do fleuma imperial, do choque cultural entre colonizador e colonizado, que permeia o texto de Kipling, cede lugar, na pena do neto do Barão de Tremembé, a todos esses novos impulsos.

Parafraseando Eliot, pode-se dizer que nenhum poeta ou artista de qualquer natureza brilha sozinho na abóboda celeste da arte. Será sempre visível, apreciado e lido – no caso da literatura – por comparação ou contraste com seus predecessores. Porque *o que acontece quando uma nova obra de arte é criada é algo que acontece simultaneamente a todas as obras de arte que a precederam*. (ELIOT, 1975, p. 38). Uma vez instaurado esse dialogismo entre precursor e sucessor, vemos a revigoração daquele primeiro na constelação da tradição literária e vemos também a expressão da individualidade deste último, que Eliot diz impessoal, porque responde ao meio contextual da arte, para além da restrita personalidade do artista. Arthur Nestrovski, em seu ensaio “Influência”, esclarece o que constitui em Eliot a expressão dessa individualidade que se vê contrária à personalidade:

A consciência poética se desenvolve na mesma medida em que se sacrifica e se extingue a personalidade. Todo poeta, quando tem força o bastante para ingressar no contínuo da literatura, altera o passado assim como se deixa determinar por ele; a influência tem duas mãos, e o gênio é uma força de resistência capaz de equilibrar, se não suplantar, o fluxo maciço das influências passadas. (JOBIM, 1992, p. 214)

Curiosamente, identifica-se, ao percorrermos alguns registros sobre a trajetória de literato de Monteiro Lobato, um texto que ganhou estatura de farol iluminador no inegável processo de recepção experimentado pelo escritor paulista. Trata-se de um conto de Kipling que se constituiu numa força de influxo criadora incontestável dentro da obra de Monteiro Lobato. Uma obra cuja recepção, como veremos a seguir, provocou o senso criativo de Lobato de muitas diferentes formas.

A primeira referência concreta sobre Kipling e sua obra está contida em uma carta enviada por Lobato ao irmão de letras Godofredo Rangel em que ele adverte: *Breve seguirá uma obra prima, o Livro da Jungle, do Kipling. É do Albino. Não há nas livrarias de S. Paulo*³ (LOBATO, 1951, v. 11, p. 154).

Lobato e Rangel emprestaram-se livros mutuamente durante toda a vida. Lobato, entusiasmado com Kipling, e com este livro em particular, remeteu-o a Rangel, que parece não se haver identificado muito com a obra, enfurecendo Lobato:

Recebi tua carta cheia de impertinências e rescendente ao nogueirismo. Juro que o homem está aí a te perverter! O teu tom, Rangel, não é aquele; e quando saís do teu tom, desafinas lamentavelmente. A imbecil apreciação sobre Kipling, que transcreves e adotas, fez-me jurar nunca mais te mandar nada pelo correio. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 155)

³ Em carta a Godofredo Rangel, datada de 18 de janeiro de 1907, Lobato mostra conhecer *The jungle book*. A julgar pela referência ao título em inglês, não parece que se trate de uma tradução, e sim do original. Aparentemente, Lobato empresta o livro a Rangel, que tece comentários desfavoráveis ao livro, o que enfurece o escritor paulista, conforme se pode ler em sua carta datada de 26 de janeiro de 1907.

A julgar por essa defesa acalorada, Kipling satisfazia ao gosto de Lobato e o teria inspirado grandemente no desenvolvimento de seu próprio estilo de escrever, bem como na escolha de alguns de seus temas e na construção da ambientação de seus contos. Lobato inventariava Kipling dentre os grandes nomes da literatura mundial:

Bem sei (e por confissão tua) que os nefastos Goncourts te imbuíram da falsíssima noção do ‘nenhum enredo’. Mas veja Kipling, Zola, Caine, Wells, Hugo, Balzac – todos os ‘grandes lidos’. Quanto drama, quanto movimento em cada obra! O drama é tudo na arte, porque o drama é a biografia da Dor e a Dor é a mãe da Arte. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 174)

A leitura, sobretudo a leitura em inglês, parece interessá-lo, a partir de 1907, como forma de conectar-se com o mundo exterior. Na leitura de periódicos e livros em inglês, vai Lobato desenvolvendo sua competência linguística paulatinamente, o que se tornaria, em pouco tempo, determinante em seus empreendimentos tradutórios: *Faço progressos no inglês. Li todo um livrão – 600 páginas: Robertson, Discovery and Conquest of America. Hernan Cortês é um soberbo tipo de bandido!*⁴ (LOBATO, 1951, v. 11, p. 199)

A partir de determinado momento parece não ter mais tolerância para com a literatura francesa, cujos temas considera enfadonhos, enredos de alcova. Numa reação claustrofóbica, reclama que “não há ar nessa literatura francesa” e adota leituras do “Wide World Magazine” e do “Strand”, publicações sobre viagens, que muito agradam a seu gosto e, aparentemente, alimentam seu desejo de evadir-se da enfadonha cidade interiorana onde vive:

Para neutralizar esta Areias sem apito tomei uma assinatura do *Weekly Times*, de Londres – edição semanal em que vêm os melhores artigos do *The Times* diário, o grande, o velho, o tremendo *Times* de Londres – e com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de política inglesa, enquanto pela rua passam os bípedes que vão mexer a panelinha da política local na farmácia do Quindó, meu vizinho. E tenho lido exclusivamente em inglês. O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro – como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, árvores, bichos. Não há tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé. Só em Kipling há material para um tremendo jardim zoológico: Kaa, Bagheera, Shere Khan, a macacada... (LOBATO, 1951, v. 11, p. 225-226)

Vai gradativamente melhorando sua competência linguística ao ler mais e mais livros em inglês, o que em breve lhe garantiria instrumental suficiente para se lançar na sua vasta atividade tradutória, atividade essa que o acompanhou durante toda sua vida, inclusive nos períodos de cárcere que o futuro lhe reservava:

Também tenho feito incursões pela literatura inglesa. *The Vicar of Wakefield* é qualquer coisa supremamente deliciosa – de Goldsmith, um tal que o Doutor Johnson classificou de ‘imbecil de gênio’. E também estou em mergulho na *The Bride of Lammermoor*, do puntilhoso Walter Scott. Falam que o inglês é fácil... Certo inglês comum, como o dos livros de ciência, será fácil; mas o de certas obras literárias é crespíssimo. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 235)

Monteiro Lobato sempre foi grato em sua crítica para com Rudyard Kipling. Ele era, segunda afirmava, aquele *cujo paladar só suporta Maupassant, Kipling e Anatole* (LOBATO, 1951, v. 12, p. 228). Em uma fala de Monteiro Lobato intitulada “Inglaterra e Brasil”, irradiada pela BBC.

⁴ Nesse pequeno trecho de carta dirigida a Godofredo Rangel, datada de 18 de novembro de 1907, Lobato dá mostras de sua crescente competência linguística enquanto leitor em língua inglesa, maturação essa que vai torná-lo tradutor de renome mais tarde.

de Londres pouco antes de sua prisão e condenação pelo Tribunal de Segurança, o escritor brasileiro tenta provar o caráter profético do poema “If” de Kipling, dizendo-o ser a descrição perfeita do “estóico moderno”, enumerando *todas as condições adversas a que deve resistir um homem para que triunfe* (LOBATO, 1951, p. 171). O poema pode ser de fato considerado profético à medida que a invasão nazista contra a inexpugnável Ilha Britânica se fazia iminente:

Mas quem nessas horas de horror erguesse os olhos para o IF de Kipling respiraria aliviado: estava ali o retrato da Inglaterra – o programa moral da Inglaterra – o fato Inglaterra. E até hoje, tantos meses passados, o paladino da Dignidade Humana outra coisa não tem feito senão enquadrar-se dentro da moldura de resistência interior estabelecida por Kipling. O poeta do imperialismo britânico havia premonitoriamente desenhado a situação que anos mais tarde o inglês iria enfrentar. E nunca ninguém pintará melhor a resistência inglesa do que antecipadamente Kipling o fez há tantos anos. (LOBATO, 1951, p. 173)

Há quem atribua a condenação de Monteiro Lobato ao tom ufanista do referido artigo, numa época em que as restrições das liberdades civis eram grandes e a liberdade de imprensa se via sufocada pela figura daquele a quem Lobato chama de “Ditador Total”, ninguém menos do que Getúlio Vargas. Carmen Lúcia de Azevedo acredita que Lobato incitara a ira de Getúlio Vargas *justamente na época em que Vargas flertava com a Alemanha e o nazifascismo* (AZEVEDO, 1997, p. 161). Os motivos oficiais alegados para justificar a prisão de Lobato seriam suas persistentes tentativas de desmoralizar o Conselho Nacional do Petróleo, baseadas em cartas do acusado enviadas a Vargas e a Góis Monteiro. Mas a autora, em sua minuciosa e bem documentada biografia, garante que os reais motivos foram outros:

A razão concreta, jamais admitida pelos círculos oficiais, estaria no seu artigo-entrevista “Inglaterra e Brasil”, irradiado pela BBC de Londres em diversos idiomas a 30 de dezembro de 1940 e reproduzido pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina. No texto de Lobato – conforme o comunicado da *Overseas News Agency* distribuído de Washington após a prisão do escritor –, ao apontar o poema “Se”, de Rudyard Kipling, como a chave para a compreensão da resistência dos ingleses na Segunda Guerra Mundial, ele aproveita para afinetar a ditadura brasileira, furando, em nível internacional, o cerco do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). (AZEVEDO, 1997, p. 161)

As próprias ideias democráticas de Lobato, que foi buscar da política inglesa, são ilustradas com histórias contidas no *The jungle book* de Kipling. Em seu artigo “A rosa artificial”, explica ele a origem do parlamentarismo inglês e a forma como o povo opina na constituição das leis, sendo por ele descrita como *nascida por força da utilidade comum, como nasce a roseira* (LOBATO, 1951, v. 6, p. 175). Elogia assim o sistema parlamentarista britânico. Mas diz que há macacos no mundo e que os Bandar-Logs de Kipling não constituem ficção de romancista:

Os povos macacos, vendo o bom resultado do sistema inglês, adotaram-no bananescamente, esquecidos de que imitar o inglês, seria, não tomar a rosa da roseira inglesa, mas deixar, como ele, que a planta nacional abrochasse a tempo na sua flor, qualquer que fosse. O resultado desse erro a história o vem registrando. (LOBATO, 1951, v 6, p. 175)

Os Bandar-Logs são aqui comparados aos políticos brasileiros integrantes do Congresso. Em nota do editor a esse artigo, escrito no tempo da presidência de Bernardes e começos da de Washington Luís, diz-se que seu tom mostra como estava agudo o cepticismo em relação ao Congresso nos últimos anos da República Velha. Mas quem são os Bandar-

Logs e em que medida podem ser assim comparados aos personagens da política nacional da época de Lobato? Vejamos na própria tradução de Lobato para *O Livro da Selva*:

Eles não têm lei. São proscritos. Não têm linguagem. Usam palavras furtadas aqui e ali, pois vivem escutando e espiando de cima dos galhos o que nós outros dizemos cá embaixo. Seus usos não são os nossos. Chefes, não possuem. Também não guardam memória de nada. Basofiam sem parar, pretendendo ser um grande povo prestes a iniciar grandes coisas na Jangal. Mas assim que uma noz cai da árvore, põem-se a rir e esquecem de tudo. [...] Eles são numerosíssimos, maus, sujos, sem brio, animados pelo desejo único de serem vistos e admirados por nós. (KIPLING, 1954, p. 35)

Na leitura crítica da obra de Kipling, Lobato busca parâmetros para criticar o sistema político-social que o cerca, tomando emprestados do universo ficcional elementos para ilustrar a falta de rumo de nossas políticas. Põe-nos dessa forma em diálogo direto com a literatura inglesa, por comparação, e mostra-nos que nosso problema é que não possuímos a segurança e o bom senso de uma “lei da jângal”.

Nessa sua releitura do texto de Kipling, Lobato trabalha (talvez sem o saber) em prol de sua permanência e ressignificação. E quanto à permanência da obra de arte literária, ele não esconde sua crença no *fato de só sobreviverem os livros vividos* (LOBATO, 1951, v. 6, p. 117). Segundo ele, o escritor que apenas imagina a vida faz uma imitação inconsciente em substituição à verdadeira criação literária. Exemplifica com o caso de Daniel Defoe que, mesmo tendo escrito dezenas de livros, só permanece conhecido por sua única obra *vivida*, *Robinson Crusoe*, porque seu mote foi tomado da boca de um marujo que realmente naufragara e vivera sozinho numa ilha deserta. Especificamente sobre Kipling, alega que o valor deste está na intensidade e na variedade de vida que viveu, fazendo com que não haja em seus livros cena ou paisagem que não seja inspirada pela vivência pessoal do autor. Lobato vai ainda mais longe e afirma que o vivido é até mais importante do que o talento do literato:

E no caso dos livros vividos pouco importa que os autores tenham sido escritores; a vida interessa tanto à humanidade, que ela tudo perdoa a uma obra vivida. Venha sem forma, venha bárbara, grosseira, incompleta, ao avesso de todos os cânones da arte. Se é obra de vida, viverá. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 118)

Vê-se em Monteiro Lobato um bom exemplo de como a leitura é o primeiro estágio do longo processo de desapropriação que o leitor forte inicia. Um processo hermenêutico e interpretativo que descasca o texto em suas diversas camadas significativas. De Kipling, sabemos, a partir dos registros contidos em seus próprios livros, que Lobato leu *The jungle book*, *Kim* e *Many inventions*. Os dois primeiros livros traduziu integralmente e o terceiro ganhou tradução sua de apenas um conto, publicado no jornal “O Minarete”, de Pindamonhangaba.

Não há dúvidas de que, para Monteiro Lobato, traduzir é reescrever e isso se prova na forma criativa como traduz, na sua longa prática de adaptações e nas suas próprias criações literárias impregnadas das vozes dos autores a quem leu e traduziu. Kipling é uma das mais significativas e audíveis vozes em Lobato. Na sua longa trajetória como tradutor, podemos posicionar Lobato como participante crucial na revigoração da tradução no Brasil do século XX, disseminando as literaturas inglesa e norte-americana em nosso meio através de textos traduzidos, necessidade nascida do pouco domínio da língua inglesa pelos brasileiros da época, que, até então, cultivavam a aprendizagem do francês e liam a literatura francesa no original. Esse fato corrobora a ideia de Gentil de Faria (1996), em seu estudo “Literatura comparada e tradução”, quando afirma que os estudos comparatistas que davam conta da

recepção de literatura francesa no Brasil do séc. XIX e início do XX não se calcavam em traduções, mas nos próprios originais, e exemplifica com Anatole France, amplamente difundido no período de 1890 a 1930, sem ter sido traduzido naquela época. O mesmo não ocorre com a literatura inglesa. O pouco ou nenhum conhecimento de inglês pelos leitores da época propicia que a tradução seja território exploratório rico para os estudos comparatistas, inclusive de traduções indiretas – via francês – em alguns casos.

A carreira de Monteiro Lobato como tradutor foi bastante produtiva e pontuada de empreendedorismo. Esse percurso, que foi escrutinado na tese de doutoramento desta autora, o posiciona como figura central no crescimento da indústria editorial no Brasil, tendo sido o primeiro editor que fomentou o desenvolvimento do mercado consumidor de massa para livros (BECKER, 2006).

Monteiro Lobato, que acreditava que *um país se faz com homens e livros* (LOBATO, 1951, v. 9, p. 45), era um nacionalista convicto e lamentava que a população do país não tivesse acesso ao melhor do pensamento mundial. Seu narrador em *América*, um patriota que dialoga com o imaginário Mr. Slang, revela claras ganas comparatistas, anunciando sua crença de que *um livro é uma ponta de fio que diz: “Aqui parei; toma-me e continua, leitor. Platão pensou até aqui: toma o fio do seu pensamento e continua, Spinoza”* (LOBATO, 1951, v. 9, p. 45). Por isso, a partir de 1930, esforçou-se pessoalmente para preencher esta lacuna, traduzindo e publicando mais de cem obras, algumas de grandes nomes da literatura, como Rudyard Kipling, Herman Melville, Antoine de Saint-Éxupéry, Ernest Hemingway e H.G. Wells: *Continuo traduzindo. A tradução é minha pinga. Traduzo como o bêbado bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo* (LOBATO, 1951, v. 12, p. 333).

Somente as primorosas traduções de Kipling, como o *Livro da Jângal* e *Kim*, já seriam suficientes para mostrar a importância desse autor britânico na vida e obra de Monteiro Lobato. Não bastasse isso, em um de seus ensaios críticos dedicado exclusivamente a Kipling, vê-se o quanto aquele significava no fazer literário de Lobato. Intitulado “Quem é esse Kipling?”, seu texto é uma homenagem ao autor inglês e uma crítica ferrenha à predileção das editoras pelas traduções dos escritores franceses:

O mundo continuou seu caminho, mau grado a nossa geração – e se em represália não fomos também negados é que o mundo desconhece a nossa existência. Surgiram enormes vultos nas várias literaturas que pelo mundo vicejam – como esse Kipling na Inglaterra, como Eugene O’Neil e Mencken na América, como Joseph Conrad... no mar, como toda uma plêiade na Rússia – e nós a deles só termos notícias unicamente através das diluídas traduções francesas, sempre muito orgulhosos do nosso “bras dessus bras dessous” com a gente gálica! Engalicamo-nos assim até a medula. Mantivemo-nos com o máximo heroísmo na atitude do cachorrinho que, orgulhosamente, sacudindo a cauda, segue um viandante, certo de que é esse quem move o mundo. (LOBATO, 1951, v. 10, p. 324)

Lobato criticava a falta de opções do leitor brasileiro e o despotismo das editoras. Em um de seus ensaios críticos, elogia a Editora Nacional, dizendo:

A Editora Nacional rompeu com o mito. Começou a dar livros de autores outros que não os franceses, e nessa literatura o povo, com certo espanto, começou a ver que o mundo não é apenas bordel ou alcova, com uma eterna historinha de “*lui, elle et l’autre*”. Que há descampados e florestas imensas, montanhas, planuras de neve, tigres e panteras e elefantes. Que há perspectivas, em suma, e ar livre. (LOBATO, 1951, v. 10, p. 324)

Todos esses cenários são encontrados na obra de Rudyard Kipling, cujo fascínio é indisfarçável para Lobato. Ele urge tanto pelo contato do público brasileiro com a obra de

Kipling que investe ele próprio, como tradutor, em duas delas, *The Jungle Book* e *Kim*, esta última traduzida durante seu período de reclusão penitenciária e publicada em 1941 pela Companhia Editora Nacional. Na selva e nas feras de Kipling, Monteiro Lobato vê representadas as diversas facetas do ser humano, nas suas misérias e ambições, na sua engenhosidade e na sua interação com o meio em que se acha inserido:

O cenário de Kipling é quase sempre a Índia, como o de Jack London, outra alma pânica, é quase sempre a fria terra do Alaska. Seus personagens nunca são os personagens franceses – um macho que caça uma fêmea pertencente a um terceiro e num hotel exercita uma função fisiológica que o deixa desapontado e de crista caída. É o tigre crudelíssimo e covarde – Shere Khan; é a pantera negra de movimentos elásticos – Bagheera; é a tribo dos Bandar-logs, que nas ruínas de uma cidade morta, engolida pela jângal, brinca de cidade, como nós aqui, bandarloguissimamente, brincamos de país; é a serpente das rochas, Kaa, magnífica de velhice e arte; é Jacala o Mugger do Mugger-Ghaut, velho crocodilo comedor de coolies; é Purun Bhagat, o Primeiro Ministro de um principado indiano que se fez santo e gastou meia vida num píncaro do Himalaia, meditando sobre o grande milagre da vida; é Quiquern, o cachorrinho do esquimau Kotuko; é Dick Helder, gênio artístico vitimado pela inferioridade egoística de uma tal Maisie – a Mulher; é Kim, o menino que cavalgava canhões... (LOBATO, 1951, v. 10, p. 325)

Segundo Lobato, Kipling é a vida, a natureza, o Ar Livre, a Fera, a Índia inteira e cada um de seus contos é uma obra-prima. Quem percorre os dois tomos de *A barca de Gleyre* não terá dificuldades em comprovar esse ato de recepção em Lobato. Também seus contos se mostram forte território para o dialogismo com Kipling.

Um livro de contos de Kipling, *Many Inventions*, rendeu a Monteiro Lobato o tema de alguns de seus primeiros contos publicados. Curiosamente, o conto que abre *Urupês*, “Os faroleiros”, é uma confessa releitura do conto “The disturber of traffic”. Como é peculiar a muitos contos de Monteiro Lobato, este é um relato dentro do relato. Nele, o narrador Eduardo conta ao amigo a experiência, segundo ele verídica, que vivera num farol anos antes:

— Uma leitura de Kipling despertara-me a curiosidade de conhecer um farol por dentro.

— *O Perturbador de Tráfego...*

— Parabéns pela argúcia. Foi justamente a história do Dowse o ponto inicial do meu drama. Esse desejo incubou-se-me cá dentro à espera d’ocasião para brotar. (LOBATO, 1951, v. 1, p. 58)

Antes de ser publicado em *Urupês*, esse conto foi inúmeras vezes reescrito por Lobato, sempre no sentido de melhorá-lo. A gênese do conto “Os faroleiros” é pela primeira vez mencionada em *A barca de Gleyre*:

Eu ando com uma ideia a me perseguir como certas moscas em dia de calor. Espanto-a e ela volta. Um conto. Um farol com dois faroleiros. O mar sempre a bater nas pedras do enrocamento da torre. A vida solitária dos faroleiros – o isolamento. As aves noturnas que se deixam cegar pela luz dos holofotes e se espedaçam contra os vidros. O objetivo é pintar o mar e as sensações de faroleiros isolados, mas, para justificar a pintura, ponho um drama qualquer – um mata o outro, algo assim. Faz uma semana que a ideia me está germinando lá num canteiro da cabeça, qual piolho interno. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 243)⁵

⁵ Eco do conto de Kipling “*The Disturber of Traffic*”, primeiro conto de seu livro *Many inventions*, publicado em 1893.

Assim nascia o primeiro conto de Lobato publicado, que seria reunido num volume de contos sobre matutos interioranos paulistas, destoando do conjunto, mas curiosamente abrindo o volume. O cientificismo de Kipling, a riqueza de sua descrição do ofício de faroleiro, o jargão naval e todo o aparente conhecimento resultante da experiência vivida pelo autor britânico parecem motivar Lobato a buscar o mesmo:

Quero agora visitar o farol da Moela, para captar impressões e refazer um velho conto de faroleiros que fiz em Areias. Pena é não estares aqui, Rangel. Não sei fazer nada sem você. Com os meus olhos somados aos teus, havíamos de ver muitas coisas a mais das que vejo. (LOBATO, 1951, v. 12, p. 43)

Pouco mais tarde, parece estar convencido de que, em ficção, experiências de segunda mão também rendem bons contos, tudo dependendo da engenhosidade do escritor. Segundo ele, “a história dos faroleiros é fantasia. De farol nunca vi senão a luzinha distante. Tem para mim esse demérito de ser todo imaginado, sem vinco de impressão pessoal e, por isso mesmo, procurei dar-lhe o tom da coisa vista e vivida. E engana, parece-me” (LOBATO, 1951, p. 86)⁶.

Um novo eco de tal conto pode ser ouvido no curioso título de um outro, publicado em *Cidades mortas* e intitulado “Os perturbadores do silêncio”, que não trata de tráfego de navios e sim de um barulhento carrinho de ferro empurrado por um homem negro que, a serviço da prefeitura local, remove utensílios na comunidade.

Ao que tudo indica, vários contos do livro *Many Inventions* tiveram grande impacto em Lobato, que não se cansa de mencionar a serpente marinha de “A Matter of Fact” ou a questão da angústia do escritor durante o processo de criação literária tão explorada em “The Finest Story in the World”:

Já leste A mais Bela História do Mundo? Impossível novela mais rica de horizontes. Do mesmo grande Kipling traduzi para o Minarete o conto Um Fato. Prodigioso. História duma serpente do mar que em consequência duma erupção vulcânica submarina rebentou lá no fundo e veio à tona, escabujando no desespero da ‘falta de pressão atmosférica’, espécie de falta de ar. As serpentes vivem nas grandes profundidades e, portanto, sob tremendas pressões; trazidas à pressão menor da tona, elas estouram, soltam os pulmões pela boca, etc. Não pode haver pintura mais fiel, mais d’après nature, dessa serpente marinha que Kipling viu escabujar moribunda – que ele viu, apesar da serpente do mar ser apenas uma crendice de marinheiro! Ou Kipling ou Maupassant. Não há maiores. (LOBATO, 1951, v. 11, p. 244)⁷

Essa serpente marinha é fomentadora de ideias para a escritura de um conto que jamais é escrito:

Um livro de piraquaras, entremeado de lendas ribeirinhas (como a do Minhocão do Paraíba, comparável à Serpente do Mar dos velhos marujos: ouvia-a contar em Queluz), a atmosfera ambiente, o cheiro da água doce, dos guapés apodrecidos; e o marasmo da vida, o sol parado das 2 horas, com cigarras, com lombeira, com a menina estudando piano – batendo no piano uma escala de Czerni... (LOBATO, 1951, v. 11, p. 317)

Entretanto, a ideia gerou seus frutos, pois, já nessa época, Lobato acreditava que ouvir do povo histórias e lendas dava-lhe o tema para escrever sobre coisas maravilhosas. A lenda

⁶ Esquece-se de mencionar aqui que o farol de sua imaginação é aquele descrito por Kipling em seu “*The Disturber of Traffic*”.

⁷ Segunda vez que, em cartas a Rangel, Lobato menciona este conto, para, desta vez, vê-lo com olhos de tradutor e escritor, e não apenas de leitor.

da serpente marinha de Kipling fixou-se na mente do Lobato leitor, bem como sua importância na veiculação da tradição oral dos povos europeus, sobretudo daqueles que se aventuraram nos mares em busca de terras desconhecidas. Segundo ele, “nas profundidades dum Dostoievsky há todos os peixes – pesadelos do mar – e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe” (LOBATO, 1951, v. 11, p. 47)⁸.

O famoso inquérito do Saci-Pererê é o resultado prático de todo esse interesse sobre a lenda da serpente marinha. Motivado pela ideia de coletar informações sobre lendas da terra, elege o Saci para seu projeto de revigorar a tradição oral e mostrar ao leitor brasileiro que todo mundo pode ser contista, pois todos sempre têm algo a contar. Com esse intuito, promove um concurso no *Estadinho*, convidando os leitores a colaborarem com histórias sobre sacis e suas aparições. A ideia, surgida em 1917, fica registrada em carta a Godofredo Rangel, na qual Lobato menciona que passou a refletir sobre o Saci a partir do momento em que os imigrantes italianos e outros passaram a indagar-lhe coisas sobre a lenda. A curiosidade do estrangeiro por uma lenda da terra abriu os olhos do escritor para as potencialidades das nossas lendas locais e regionais:

O saci, sobretudo, impressionou-os muito, e eles (quase todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda. Finjo autoridade, pigarreio e invento – e eles tomam notas. Mas, na realidade, nada sei do saci – jamais vi nenhum, e até desconfio que não existe. Manda-me as tuas luzes. Como é o saci em Minas? (LOBATO, 1951, v. 12, p. 128)

Começa por coletar dados junto a amigos e, logo em seguida, lança mão do jornal como meio de conhecer mais sobre o assunto, como relata na próxima carta remetida a Rangel: *Abri no Estadinho um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho – você e outros sacizantes que haja por aí. Dá o toque de rebate* (LOBATO, 1951, v. 12, p. 129).

O interesse pelo Saci é explicado nessa mesma carta: falar das coisas “nossas”. A amplitude do seu projeto de nacionalizar a literatura ganha espaço em outros periódicos para os quais escreve, como é o caso de *A Revista*:

A Revista está se afastando do seu programa. Neste número, só falamos de coisas nossas, o Medeiros e eu. Tudo mais é coisa forasteira. Anda a nossa gente tão viciada em só dar atenção às coisas exóticas, que mesmo uma “revista do Brasil” vira logo revista de Paris ou China. Nascida para espelho de coisas desta terra, insensivelmente vai refletindo só coisas de fora. Estou me preparando para um ensaio sobre lendas e mitos, e um dia te mandarei o programa para que colabores. (LOBATO, 1951, v. 12, p. 129)

Como resultado do que aprendeu com o concurso lançado no *Estadinho*, escreve o artigo “Saci”, no qual descreve o pequeno demônio na forma em que seus leitores o veem e naquilo em que os relatos coincidem, chegando até a ensinar como capturá-lo. Em suma, prova que seu exotismo em nada fica devendo às lendas estrangeiras, com a vantagem de, fazendo parte do imaginário coletivo, potencializar a narração pelo número de seus contadores da história, já que, no âmbito rural, todo mundo tem um caso de saci para contar ou, ao menos, um parecer para emitir:

A curiosidade despertada pelo inquérito do *Estadinho* denota como está generalizada entre nós a credence. Raro é o brasileiro que não traz na memória a recordação da

⁸ Em carta a Godofredo Rangel, datada de 4 de janeiro de 1904, Lobato já mostra conhecer os contos do livro *Many inventions* (1893) de Rudyard Kipling, ou pelo menos o conto “Um fato” (Título em inglês: “*A Matter of Fact*”).

quadra saudosa em que “via sacis” e os tinha sempre presentes na imaginação exaltada. Convidados agora para falar sobre o duendezinho, todos impregnam seus depoimentos da nota pessoal das coisas vividas na infância. (LOBATO, 1951, v. 4, p. 168)

Contemporaneamente, talvez já o tivéssemos há muito esquecido se o peralta de uma perna só não tivesse sido fixado na obra infantil do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, bem como o foram tantas outras figuras lendárias nacionais por ele resgatadas. Aparentemente, tudo teve origem com Kipling e sua serpente-marinha, antropofagicamente deglutida pelo inquiridor do Buquira.

Apesar de Lobato ter se notabilizado justamente como escritor periférico, astro solitário excluído da constelação modernista que passou a fecundar o polissistema a partir da década de 1920, nem por isso deixou de imprimir sua marca indelével na futura literatura brasileira, firmada na oferta de literaturas estrangeiras outras que não somente a francesa, na ampliação do mercado para textos traduzidos e na formação de um público leitor menos elitizado – alcance de público de massa, que lê jornal. Não afirmamos, todavia, que tenha sido ele o único fomentador responsável por tais significativas mudanças, senão somente que militou abertamente por todas delas, como mais um faroleiro do sistema literário brasileiro a indicar o caminho, na crença de que é ao leitor a quem cabe experimentar a travessia.

Referências:

- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.
- BECKER, Elizamari R. **Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato**. 2006. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- CAMPOS, Giovana Cordeiro. **For whom the bell tolls, de Ernest Hemingway e suas traduções no contexto brasileiro**. 2004. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2004.
- CAMPOS, Haroldo. Paul Valéry e a Poética da Tradução. In: COSTA, Luiz Angélico (Org.). **Limites da Traduzibilidade**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 201-216.
- DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- ELIOT, T. S. *Tradition and the individual talent*. In: KERMODE, Frank (Org.). **Selected prose of T. S. Eliot**. London: Faber & Faber, 1975. p. 37-44.
- FARIA, Gentil de. Literatura comparada e tradução. In: CUNHA, Eneida Leal; SOUZA, Eneida Maria (Orgs.). **Literatura comparada: ensaios**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 121-130.
- JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KIPLING, Rudyard. **Just So Stories**. Kent: Wordsworth Editions, 1993.
- _____. **Kim**. London: House of Stratus, 2001.
- _____. **Kim**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1941.
- _____. **Many Inventions**. London: House of Stratus, 2001.
- _____. **Mowgli – O Menino Lobo**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1949.
- _____. **The Jungle Book**. London: Penguin Books, 1994.
- _____. **O Livro da Jangal**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1954.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre. 1º Tomo**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 11 v.
- _____. **A barca de Gleyre. 2º Tomo**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 12 v.
- _____. **América**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 9 v.

- _____. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 4 v.
- _____. **Mundo da lua e miscelânea**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 10 v.
- _____. **Na antevéspera**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 6 v.
- _____. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 3 v.
- _____. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1951. v. 13.
- _____. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1951. 1 v.
- ROCHA, Pedro Albeirice da. **Monteiro Lobato reescritor de Kipling**. 2002. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2002.
- VIEIRA, Adriana Silene. **Um inglês no sítio de Dona Benta**: estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana. 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 1998.
- _____. **Viagens de Gulliver ao Brasil**: estudo das adaptações de *Gulliver's Travels* por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. 2004. 229 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2004.